

Encontroteca

CULTURA TRADICIONAL

Moraes, Eduardo Carli de



Berimbrown

O XVI Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros contou com uma vivência sobre a musicalidade afrobrasileira: a “Oficina de Musicalização na Capoeira”, que ocorreu na manhã de 24 de julho de 2016, um domingo, na Vila de São Jorge. A vivência foi conduzida pelo mestre Nego Ativo, um dos fundadores e líderes do grupo mineiro Berimbrown, banda com mais de 20 anos de trajetória, que também realizou um show durante o evento.

O berimbau é um dos instrumentos musicais mais representativos da cultura afrobrasileira e um elemento essencial da capoeira. O ritmo e a *vibe* que animam as interações corporais acrobáticas dos capoeiristas estão umbilicalmente conectados à peculiar sonoridade do berimbau. Este instrumento musical, originário de Angola, foi trazido

ao Brasil por aqueles que foram sequestrados no continente africano pelo imperialismo escravagista e que, mesmo a duras penas, sob o jugo tenebroso da escravidão, no Novo Mundo mantiveram viva a chama de sua cultura nativa.

O berimbau, por isso, soa como o som da resistência e da resiliência de uma cultura milenar, que, longe de ter sido dizimada pelas atrocidades dos imperialistas europeus, sobreviveu após atravessar aquilo que o historiador e antropólogo Paul Gilroy batizou, em seu clássico estudo, de Atlântico Negro.

Durante a oficina, os participantes conheceram em minúcias alguns detalhes e curiosidades sobre o berimbau. Poucos sabem, por exemplo, que existem pelo menos três subtipos de berimbau: o gunga ou berra-boi, de tom mais grave; o berimbau médio; e o viola, de tom mais agudo. Cada berimbau é simultaneamente um instrumento percussivo e harmônico, o que foi exemplificado na prática durante a oficina através de três berimbaus, de diferentes tonalidades, que foram tocados juntos, criando um campo harmônico convidativo para que um coro de vozes desenhasse sua melodia sobre eles.

Nego Ativo, mestre de capoeira e grande conhecedor de nossa MPB, realizou junto aos presentes uma série de dinâmicas de grupo destinadas a ensinar algumas noções básicas de ritmo, harmonia e melodia. Mas não foram lições de teor teórico, pois o intento era conseguir, junto aos presentes, uma criação coletiva e improvisada, numa espécie de *jam session* de afrobrasilidade. Dito e feito.

Ele explicou brevemente o funcionamento dos compassos musicais com um linguajar acessível e saboroso: para explicar o compasso quaternário, de quatro tempos, destacou a importância do primeiro tempo, "a cabeça do compasso", "aquilo que nos sustenta", e com auxílio das batidas geradas pelas palmas ou pelos pés no chão mostrou na prática como funcionam os mecanismos de acentuação rítmica (pedindo, por exemplo, palmas no segundo e no quarto tempo do compasso quaternário).

Teceu ainda comentários sobre tempo e contratempo, explanou sobre a sustentação de notas e sobre as notas mais breves (os chamados staccatos). Recomendou aos presentes que querem fazer boa música: "você não podem sair correndo, com tudo descompassado". Segundo Nego Ativo, a ritmicidade genuína não tem nada a ver com a pressa ou correria que caracteriza boa parte das atitudes daqueles que vivem em grandes centros urbanos e submetidos às disciplinas do mercado de trabalho.

"A gente ser lento no mundo moderno é uma dificuldade", refletiu. Complementou, de modo a um só tempo brincalhão e sério: "temos que dar uma banana para a velocidade!" Para desenvolver um ouvido musical, é preciso dedicar tempo a não somente ouvir música, mas realmente tentar compreendê-la, em todos os seus elementos. "Temos que limpar os ouvidos, mas não tô falando de cotonetes", brincou.

Mano Ativo forneceu uma série de dicas para desenvolver o que ele chamou de "consciência rítmica". Entre eles, um exercício simples, mas

eficaz: atentar para a própria batida deste tambor incansável que cada um de nós carrega no peito (uma excitante canção recente do indie-rock internacional resume a ópera: *The Heart Is A Beating Drum*). O coração, com suas sístoles e diástoles, é o percussionista do nosso organismo. E não há músico que dê conta de realizar algo de ritmo interessante sem estar em sintonia com o pulsar do próprio corpo. O segredo da boa música, sugere Nego Ativo, consiste numa reconexão com o corpo ancestral.

Ao final da vivência, ponderou: "Hoje, nesta manhã, conseguimos fazer esta conexão com o nosso corpo ancestral, com o nosso coração rítmico, pois nos permitimos este intercâmbio. Oficinas assim podem nos ajudar a ganhar uma sabedoria para que a gente aprenda a combater este sistema veloz que nos é imposto o tempo todo. É preciso termos um controle maior da nossa velocidade."

Foi assim que Nego Ativo compartilhou um pouco de seus ricos saberes, incentivando os participantes a realizarem junto com ele, através de batuques e palmas, de cantos e danças, uma imersão no âmbito da musicalidade afro. Ele também abordou temas como a educação do ouvido musical, o desenvolvimento de uma consciência rítmica, além de temas conectados à alienação política e sua possível superação (que só se dará, segundo ele, se criarmos as condições para o florescimento de cidadãos pensantes e atentos, conectados à ancestralidade e autônomos, autodeterminados).

Nossa música popular brasileira foi profundamente marcada por amplas influências afro, sem as quais, por exemplo, não teria nascido o samba. Um instrumento de corda como o berimbau - que é constituído não só por uma vara com um fio de arame tensionado, mas também por uma cabaça dotada de caixa de ressonância, além de outros elementos - teve entre os músicos brasileiros alguns de seus maiores virtuosos (como Naná Vasconcelos), inspirou algumas de nossas mais inesquecíveis canções (como o afrosamba de Baden Powell e Vinicius de Moraes) e chegou até mesmo a ser representado nas artes plásticas por Jean-Baptiste Debret. Nego Ativo forneceu um ótimo painel disto no contexto da música brasileira, abrindo horizontes para que os presentes depois conhecessem de modo mais aprofundado alguns artistas que ele mencionou e recomendou (como Waldemar Liberdade).

O BERIMBROWN

A oficina também contribuiu para incrementar nos conviventes a apreciação estética das performances da banda mineira Berimbrown, uma das grandes atrações musicais do XVI Encontro de Culturas. O grupo tem uma proposta estética e política de reconexão com as raízes ancestrais, em especial as africanas e suas descendências musicais americanas (via funk, soul, hip hop etc.).

Este enraizamento se dá sem perder de vista o que há de mais contemporâneo, não há problema em mesclar os beats eletrônicos do DJ com a percussividade ancestral do berimbau - algo explícito no novo álbum deles, *Lamparina*. Além disso, o Berimbrown lida em suas letras

com temas conectados às populações periféricas, quilombolas, subalternizadas, numa perspectiva que tem semelhanças com aquela que anima o projeto artístico de Manu Chao, Mundo Livre S.A ou Anita Tijoux.

Algumas pessoas descrevem o som do Berimbrown como uma mistura de O Rappa com James Brown. Eles evocam no palco também outras figuras emblemáticas e inspiradoras, como Bob Marley, e revelam inspirações não somente artísticas, mas intelectuais e cívicas, como Milton Santos. O Berimbrown convoca a galera para acender a lamparina e levantar-se por seus direitos, transitando por estilos com desenvoltura, sempre na luta por por uma outra globalização, que inclua a diversidade ao invés de prosseguir na rota atual de um capitalismo perverso e excludente.